

Firmeza nos princípios, flexibilidade nas táticas.

**A resposta dos anarquistas
quando governos eleitos são derrubados.**



Wayne Price

Wayne Price

**Firmeza nos princípios, flexibilidade nas táticas.
A resposta dos anarquistas quando governos eleitos são derrubados.**

Tradução:

Alexandre Santos



GEAPI - Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí
<http://www.anarquistas-pi.blogspot.com.br>
geapi.phb@riseup.net

2014

SUMÁRIO

Introdução	03
Anarquistas contra eleições	05
Uma lição da Revolução Russa	06
Uma lição na Revolução Espanhola	09
Mesmo nos EUA.....	11

Introdução

O que deveriam fazer os anarquistas quando algum governo eleito é derrubado por um golpe de direita? Eu acho que, por exemplo, no golpe de 2002, na Venezuela, contra o presidente Hugo Chávez. Este golpe foi realizado por parte do exército em conjunto com a maioria dos capitalistas. Ele foi apoiado pelo governo dos EUA e de outras instituições desse país. Parte do apoio foi aberto (reconhecimento imediato do novo regime) e parte foi secreta (pré-financiamento do golpe) No entanto, o golpe foi rapidamente derrotado por múltiplos fatores: A pressão dos trabalhadores e dos pobres da Venezuela, o apoio a Chávez dos escalões inferiores do exército e da pressão internacional de outros governos sul-americanos. Chávez foi ajudado pelo fato de que muitos governos e empresários sabem que ele não é, na realidade anticapitalista, apesar de sua retórica radical.

Outro exemplo recente foi o golpe de 2005 no Nepal, quando o rei Gyanendra derrubou o governo eleito e assumiu o controle direto, dependendo, principalmente, suas forças militares (o parlamento já havia sido suspenso há três anos). A oposição organizou enormes manifestações de rua e greves, organizadas pela Frente Popular de partidos burgueses, organizações populares e as forças maoístas no campo. Em abril, também, o seu golpe foi derrotado. O rei devia devolver o poder ao parlamento eleito. Os maoístas ganharam bastante credibilidade entre as pessoas por sua participação na luta. Eles assinaram recentemente um acordo de paz com o governo de transição e seu líder irá candidatar-se para as próximas eleições.

Muitos outros exemplos podem ser citados. É típico do capitalismo que os benefícios da democracia política sejam, por assim dizer, “instáveis”. Países passam por ciclos de democracia e ditadura, e novamente o mesmo. Só é necessário mencionar para tal efeito a história do fascismo europeu. Mesmo em os EUA, por exemplo, o atual governo assumiu o poder em eleições fraudu-

lentas em 2000. Desde então, ele tem sido um constante processo de extermínio das liberdades civis.

Como devem agir os anarquistas em tais situações? Esta questão mostra uma fraqueza histórica do anarquismo. Apesar de suas grandes metas e grandes ideias, o anarquismo tem sido repetidamente derrotado, esmagado por forças fascistas ou leninistas, ou simplesmente marginalizado. Acredito que uma razão importante para que isso tenha ocorrido tenha sido a rigidez do movimento e seu erro tático e estratégico. O movimento anarquista falhou sistematicamente tentando manobrar taticamente de maneira efetiva. Creio que essa é a causa do desastroso fracasso da Revolução na Espanha, em 1936. Em vez disso, nosso foco deve ser firmeza nos princípios, flexibilidade nas táticas.

Anarquistas contra eleições

Os anarquistas como um princípio geral, se opõem à participação nas eleições. No capitalismo, apesar de todas as promessas de democracia e de liberdade, de fato é uma minoria da população, a classe capitalista, que gerencia a economia e conseqüentemente o Estado. Esta é a ditadura da burguesia, mesmo que seja em uma forma "abertamente democrática". Os anarquistas não procuram administrar o Estado capitalista nem querem eleger pessoas para fazê-lo. Isto não é o que buscamos. Em vez disso, queremos formar sindicatos, associações, movimentos populares anti-militaristas, etc. Participar em ações militantes não eleitorais, a partir da base, contra o Estado e a classe capitalista.

Os anarquistas não acreditam na escolha de líderes para que eles façam política em vez de nós, para ser nossos representantes. Os interesses, opiniões e desejos de dezenas de milhões de cidadãos não podem ser empacotados em

dois partidos, ou representados em dois candidatos. A “democracia de massas” é contraditória. Queremos democracia direta, cara a cara, no trabalho e nas assembleias comunitárias, com uma economia baseada na cooperação (socialismo libertário). Queremos tanta democracia participativa quanto seja possível, e a mínima representação e delegação que seja necessária para a federação.

A questão do eleitoral foi a principal divergência prática nas divergências entre Karl Marx e os anarquistas. Marx defendia a formação de partidos políticos da classe trabalhadora que romperiam a confiança dos trabalhadores nos partidos capitalistas. A história não respaldou sua estratégia eleitoral, considerando a trajetória sombria dos partidos socialdemocratas e comunistas, e até mesmo os recentes partidos verdes. No entanto, Marx era completamente oposto a votar em partidos políticos ou capitalistas. (Hoje, nos EUA, a maioria dos que se dizem socialistas são a favor do voto para o Partido Democrata ou quaisquer outros liberais, capitalistas, como o Partido Verde, ou Nader. Assim, rejeitam os princípios tanto anarquistas, como marxistas).

Enquanto negarmos a nossa participação nas eleições, os anarquistas acreditam que as democracias capitalistas são melhores para os trabalhadores e os povos oprimidos do que as ditaduras políticas capitalistas (juntas militares, estados policiais, monarquias, fascismo, etc.) Não é que acreditamos que os trabalhadores podem controlar o estado por meio de eleições — o mito da democracia burguesa. Mas é mais fácil para os trabalhadores de organizar sindicatos, para oprimidos, de organizar a resistência popular e para publicar sua literatura radical, fazer fóruns e espalhar suas ideias. Há repressão, mas não como em um estado totalitário. O sentimento popular se levanta em favor da liberdade de expressão e liberdade de associação, nas quais os anarquistas usam para protegerem-se contra a repressão do Estado. Os capitalistas

não querem nos conceder esses direitos, mas eles devem fazer isto se quiserem aproveitar eles mesmos esses direitos, para dar aos trabalhadores a (falsa) impressão de que o povo manda.

Errico Malatesta, anarquista italiano, escreveu, “... a pior das democracias é sempre preferível, se não apenas por um ponto de vista da educação, a melhor das ditaduras... a democracia é uma mentira, não há mais... o governo de uns poucos para o benefício da classe privilegiada. Mas ainda podemos combatê-la em nome da liberdade e da igualdade...”. (1995. *The Anarchist Revolution*; p. 77). Isso significa que a democracia burguesa se declara a favor da “liberdade e igualdade” e, portanto, pode ser desafiada a cumprir com suas declarações.

Em minha opinião, todo o conjunto de táticas anarquistas para enfrentar golpes de estado direitistas devem ser baseadas na avaliação de que a democracia burguesa é mais útil para os trabalhadores e para a população oprimida. Rejeitado isso, toda minha argumentação cai por conta própria. (Não discutirei agora a questão dos golpes de esquerda autoritária; estas situações apresentam diferenças com as quais eu não vou tratar agora).

Há ainda um outro assunto. A maioria das situações em que ocorrem um golpe antidemocrático, é nações oprimidas - no chamado terceiro mundo. Os líderes do golpe são muitas vezes apoiados por potências imperialistas, como quando os EUA apoiaram as forças golpistas na

Venezuela. Isso evidencia a questão do direito das nações oprimidas à autodeterminação de seus povos para decidir seu próprio futuro e seu próprio governo -ou nenhum governo- sem dominação imperialista. Esta é outra das minhas premissas, embora não seja essencial para a argumentação.

O princípio fundamental é a LIBERDADE. Os trabalhadores devem ser livres para escolher seu sistema político e escolher quem eles querem ser o

líder deles, se é que eles querem um líder. O povo têm o direito de estar errado. Na verdade, as classes e os povos só aprendem quando erram. Os anarquistas são os maiores defensores da liberdade. Devemos em todos os momentos defender o direito dos povos de tomar suas próprias decisões, mesmo que não concordemos com essas decisões. Nunca devemos, é claro, abrir mão do nosso direito de proclamar a nossa política e explicar pacientemente as nossas opiniões. Isso faz parte do processo de aprendizagem através da experiência.

Uma lição da Revolução Russa

Quando um golpe ocorre e as massas têm saído às ruas para protestar, é tarefa dos anarquistas que procurem seu caminho até o povo. Temos de encontrar uma maneira de participar na luta popular, sem esquecer nem por um momento os nossos princípios anarquistas. Não podemos apoiar o governo ou mesmo votar nos melhores presidentes (para não mencionar os políticos burgueses autoritários). Os anarquistas não podem dar nenhum apoio para o Estado burguês ou para políticos. Estas são as posições de início. No entanto, os anarquistas podem vir a opor-se um golpe de Estado. Ao fazer isso, eles estão dando o seu apoio ao povo, e não o Estado. Em meio ao movimento popular, os anarquistas podem cooperar de forma prática e concreta com os políticos burgueses e forças stalinistas, concordando com objetivos imediatos, de curta duração, sem acordos duradouros.

No movimento popular, os anarquistas devem avisar ao povo que não se confiem nos políticos burgueses. Os anarquistas podem convocar assembleias de bairro e laborais, a fim de desbaratar o golpe. Os anarquistas devem exigir a distribuição de armas para a classe trabalhadora, ao invés de confiar

no exército. Um povo armado, organizado, é a melhor maneira de esmagar o golpe — e, diríamos, ir para além dos limites da democracia burguesa.

Este ponto de vista foi aprendido com as experiências das revoluções russa e espanhola, entre outras. Durante a Revolução Russa, houve um governo provisório (nada) liberal, que foi liderado por Kerensky. Este governo perseguiu os de esquerda, anarquistas e bolcheviques aprisionando todos que podiam. No entanto, uma força ainda mais direitista era a que dirigia o general Cosacos Kornilov. Ele tentou derrubar o regime liberal, esmagando os conselhos de trabalhadores e camponeses (soviets), e varreu do mapa todos os partidos socialistas, até os mais moderados. Em suma, Kornilov intencionava estabelecer-se como um ditador protofascista e se mudou para a capital para cumprir este programa.

Que deviam, então, fazer os bolcheviques? (Eu não sei das discussões dos anarquistas nesta situação) Um grupo de marinheiros visitaram Trotsky e outros bolcheviques na prisão e perguntaram: "Não é hora de prender o governo?", "Não, ainda não" foi resposta. "Usem Kerensky como suporte para tirar Kornilov. Depois de cuidaremos de Kerensky" (Trotsky, 1967, *History of the Russian Revolution*, vol. II, p. 227).

Bolcheviques e anarquistas, juntamente com militantes de outros partidos socialistas, colaboraram com os trabalhadores para fundar um número considerável de comitês de defesa da

revolução. Estes se espalharam por todo o império russo. Distribuíram armas entre os trabalhadores, mobilizaram militares confiáveis e organizaram os trabalhadores para sabotar o avanço das tropas de Kornilov (para que os comboios com as tropas fossem perdidos e telegramas nunca fossem recebidos). Operários e soldados de Petrogrado foram enviados para se encontrarem com as forças avançadas, falar com elas e convencê-las a voltar. Estes

métodos eram altamente bem sucedidos. Os recursos dos militares dissiparam-se, como água na areia quente, quase sem violência (alguns oficiais foram executados). Isto levou a um aumento da influência da extrema esquerda e o descrédito dos socialistas moderados. Era só uma questão de tempo antes que o regime de Kerensky foi derrubado por uma coalizão de bolcheviques, socialistas revolucionários de esquerda (populistas do campesinato) e anarquistas.

Durante a luta contra Kornilov, os bolcheviques não se uniram ao governo provisório (e certamente, muito menos os anarquistas). De fato, criticaram politicamente o governo de Kerensky pelas suas hesitações e fraquezas em defender a democracia. Mantiveram contato com outros partidos para fins de coordenação prática, somente. Anos mais tarde, Trotsky citava frequentemente este momento como um guia para a ação. Trotsky resumiu da seguinte forma: “Apoiá-los técnica, mas não politicamente”. (P. 305) Lenin foi ainda mais claro em não apoiar o governo liberal. Na época, ele escreveu (“*To the Central Committee of the RSDLP*”).

“Até agora não devemos apoiar o governo de Kerensky. Isto é contrário aos nossos princípios. Se nos perguntarem: Então vamos lutar contra Kornilov? Claro que sim! Mas uma e outra coisa não são o mesmo, existe uma linha divisória... Lutaremos, estamos lutando contra Kornilov, assim como fazem as tropas de Kerensky, mas isso não significa que nós apoiamos Kerensky. Pelo contrário, evidenciamos a sua debilidade. Isto é muito diferente” (*Selected Works*, vol. 2, p. 222).

Uma lição na Revolução Espanhola

Uma lição semelhante se pode aprender a partir da Revolução Espanhola de 1936-1939. Muitas vezes, se reconhecem duas facções principais, o governo da Frente Popular, legalmente eleitos (os “republicanos”) contra as

forças militares fascistas que tentaram derrubá-lo (e que finalmente fizeram, com a ajuda militar de Hitler). A Frente Popular era uma coalizão de partidos de trabalhadores (incluindo os partidos Comunista e Socialista) e partidos pró-capitalistas. As massas trabalhadoras eram divididas entre os sindicatos filiados ao Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) e aqueles que estavam filiados aos sindicatos anarquistas. Quando os militares tentaram seu golpe, os trabalhadores revidaram. Milícias voluntárias foram formadas por anarquistas e outras forças socialistas.

Iniciada a guerra civil, o que deveriam fazer os anarquistas revolucionários e outros socialistas? Como muitos anarquistas de hoje, haviam aqueles que achavam que os revolucionários não deveriam tomar partido por nenhuma das partes envolvidas no conflito (bordiguistas e outros). Houve quem dissesse: “Nenhum apoio político ou material para o governo burguês republicano” (citado em Trotsky, *The Spanish Revolution*, 1973, Pathfinder, p. 422). Depois de tudo, a república da Frente Popular era apenas um Estado capitalista e imperialista, com colônias em Marrocos e havia aprisionado milhares de trabalhadores e esquerdistas. Na prática, esta era uma posição pouco realista, uma vez que os trabalhadores não estavam preparados para derrubar a república após o fascismo. Os líderes da esquerda espanhola sentiram (corretamente) que a república era um mal menor ante o fascismo. Os principais anarquistas, porém, concluíram que eles deveriam entrar no governo da Frente Popular, uma aliando-se com os socialistas reformistas, com os comunistas e com outros políticos abertamente capitalistas. Subordinaram, assim, sua luta ao Estado capitalista.

Houve, no entanto, uma terceira posição. Esta consistia em que as milícias anarquistas e os socialistas de esquerda concentraram suas forças contra os fascistas — até que fossem fortes o suficiente para derrubar o governo republicano. Até então, dariam apoio técnico-militar, mas não político, para a

república. Os trabalhadores revolucionários não iriam renunciar da sua independência política do seu inimigo de classe. Não participaram do governo da Frente Popular, nem votariam nos seus candidatos, nem votariam a favor de seus programas. Os revolucionários estariam em oposição política. Evidenciaram as vacilações e traições da Frente Popular (que, de fato, levou à derrota da República). Persuadiram os trabalhadores, camponeses e os pobres, da necessidade de uma revolução, substituindo o Estado burocrático-militar por uma associação de conselhos de trabalhadores e populares — com um sistema de democracia interna que permitisse que os vários partidos e organizações competissem por sua influência. Na verdade, isso poderia ter acontecido em uma região de Espanha (Catalunha), onde os sindicatos anarquistas tiveram o apoio da grande maioria dos trabalhadores da região.

Esta abordagem foi articulada por uma minoria revolucionária dos anarquistas, o Grupo de Amigos de Durruti. Cansados de concessões de classe dos líderes anarquistas, chamaram a concluir a revolução derrubando o Estado capitalista republicano e substituindo-o por um comitê nacional de defesa eleito pelos sindicatos das massas. Em seu documento de 1938, “Rumo a uma Nova Revolução”, denunciavam o apoio político da Frente Popular: “Nós somos inimigos da colaboração com os setores burgueses. Nós não cremos que se possa deixar o sentimento de classe. Os trabalhadores revolucionários não devem desempenhar cargos oficiais nem devem aposentarem-se nos ministérios... É o mesmo que fortalecer nossos adversários e apreciar mais o cerco capitalista”.

No entanto, os Amigos de Durruti aceitavam a cooperação prática, material, com o Estado burguês, até que eles fossem capazes de derrubá-lo: “Se pode colaborar enquanto dure a guerra nos campos de batalha, nas trincheiras, nos parapeitos e produzindo na retaguarda”. Os anarquistas não poderiam aspirar conquistar os trabalhadores enganados pelos liberais, pelo Partido

Comunista, os socialistas, etc., a menos que eles estivessem dispostos a colaborar prática, concretamente contra o fascismo. Infelizmente, os Amigos de Durruti se organizaram tarde demais para ser uma força eficaz para mudar o curso da guerra.

Mesmo nos EUA

Não é tarefa dos anarquistas procurarem desculpas para ficar fora das lutas populares, de modo a não perder a pureza. No entanto, não devemos capitular em nossos princípios, a fim de alcançar uma popularidade passageira (assim como os anarquistas espanhóis que se juntaram ao governo da Frente Popular, ou como a maioria dos socialistas do mundo que idolatram Hugo Chávez).

Por exemplo, logo após a eleição presidencial de 2000, em os EUA, era óbvio que as eleições tinham sido crivadas de fraude, enganos e racismo. Especificamente, os afro-americanos estavam furiosos porque muitos tiveram o seu direito de voto negado, depois de muitos lutarem e morrerem para conquistar o direito de voto. Tudo isso foi totalmente coberto nas notícias, e ainda nenhum organizou protestos — nem os democratas nem Nader. Eu acho que os anarquistas deveriam organizar protestos em massa, a todo custo, contra a desonestidade e o racismo na contagem dos votos, denunciando explicitamente aos democratas por sua falta de vontade de defender os direitos do povo. Isto deveria ter andado de mãos dadas com o nosso argumento geral contra o sistema eleitoral (mesmo quando se tenta votar, não te deixam!).

Hoje, é literalmente uma questão de vida ou morte para os anarquistas revolucionários encontrar maneiras de participar nas lutas populares enquanto defendemos os nossos princípios e falamos com verdade ao povo trabalhador.

Wayne Price

Dada a crise econômica, militar e ecológica mundial, nós simplesmente não podemos dar ao luxo de deixar que o anarquismo seja derrotado ou marginalizados novamente.



GRUPO DE ESTUDOS ANARQUISTAS DO PIAUI